

A CÁRITAS

3 – O Labirinto da Vida

P. *Boa noite. Este é mais um programa da responsabilidade da Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco.*

Conosco está Elicídio Bilé para nos falar, esta noite, de um tema que preocupa todos os cidadãos, em especial aqueles que estão mais debilitados em termos económicos e sociais e aqueles que têm mais dificuldades na sua integração.

O problema que abordaremos tem a ver com as dificuldades que se apresentam ao homem de hoje para viver em comunidade. Por isso, começo por lhe perguntar: - Quais são essas dificuldades?

R. Boa noite. Se tivesse que escolher um título para esta nossa conversa – e talvez com isso respondesse à sua pergunta – por certo escolheria: “*O Labirinto da Vida*”. Por uma simples razão: a vida em sociedade, pelo menos ao nível da sociedade portuguesa, nos últimos anos, não tem sido fácil e é normalmente apresentada segundo uma dicotomia: “*direita*” e “*esquerda*”, “*prós*” e “*contras*”, “*luta ou submissão*”. Isto é, ao cidadão só são apresentados dois caminhos, duas escolhas possíveis. É o discurso e o pensamento dominante entre aqueles que têm a responsabilidade de conduzir os destinos do país ou de liderar comunidades. Mesmo para os que exercem a actividade política e, eventualmente, não se identificam com a esquerda ou com a direita, os complexos que sentem, levam-nos a definirem-se como pertencendo a uma destas duas categorias, com predominância, porque é de bom-tom, pela esquerda.

Os órgãos de comunicação social, com raras excepções, afinam pelo mesmo diapasão. Quem lê, quem ouve e, sobretudo, quem vive sob esta

forma de agir, sofre o atraso no seu desenvolvimento político, social e cultural, já que, no plano económico, o fosso existe e tem sido agravado ao longo dos anos comparativamente com os restantes países da Europa, a começar pela nossa vizinha Espanha.

P. *Habitados como estamos a ser pouco críticos e, até mesmo, acríticos em relação aos poderes, o que acaba de dizer é uma denúncia ou um grande pessimismo?*

R. O que acabo de dizer é, acima de tudo, uma constatação. Pode, se quiser, ser uma constatação cheia de subjectividade, mas é aquilo que eu vejo, olhando para aqueles que não têm acesso à informação e, muito menos, a uma informação isenta. Para aqueles que vêem serem-lhes diminuídas as poucas regalias sociais de que beneficiavam e, em contrapartida, ser-lhes aumentada a carga fiscal, a subida dos preços dos bens de consumo, do desemprego... e tudo isto, sem qualquer explicação plausível, para além dos anúncios sucessivos de promessas num futuro melhor.

Por isso pergunto:

- Será pessimismo dizer que, nos últimos 50 anos, Portugal e os portugueses viveram de uma política ideológica e culturalmente marcada por esta dicotomia de que falo?

Creio que não, e os factos são bem evidentes.

Veja-se o exemplo dado pelo recente programa televisivo que visava escolher os “melhores” portugueses da nossa história!

- Quem foi o vencedor?

- Quais foram os maiores portugueses eleitos?

Duas personagens contemporâneas: Um ditador de direita que governou e oprimiu o povo durante 50 anos; outro de esquerda, com o mesmo sentido ditatorial, que não governou mas tudo fez para substituir o primeiro na governação.

- Com este resultado, onde fica a história?
- Onde está a cultura secular de um povo?
- Que valores são hoje assumidos?
- Que tipo de democracia praticamos e vivemos?

P. *Isso acontece no plano político, mas hoje constatamos que as pessoas fogem da política. Não está a cair em desuso a utilização das expressões – esquerda e direita?*

R. Creio que não. Se pensarmos bem, tudo aquilo que regula a vida em sociedade é política.

É verdade que existem muitas pessoas que dizem detestar a política, que não se querem envolver na política, mas esquecem ou não sabem que o seu dia-a-dia é vivido ou está intimamente ligado à política nas suas diversas vertentes.

Aquilo que determina o preço do pão, dos transportes, da educação, da saúde... é fruto da política. Quando se aumenta o imposto sobre os produtos petrolíferos, aumenta o custo dos bilhetes dos transportes que temos de adquirir e, conseqüentemente, aumenta o preço dos bens, porque também são transportados. Altera-se, desta forma, o preço do trabalho e altera-se o orçamento familiar, fruto da política.

É também o que acontece com a política social que, no caso deste programa da responsabilidade da Cáritas, mais nos preocupa.

P. *Mas, a quem cabe a responsabilidade na definição das políticas sociais? Não é ao Estado? O que podemos, então, fazer?*

R. Se pesquisarmos numa enciclopédia encontramos algumas respostas. Por exemplo, na Internet nas páginas da Wikipédia – enciclopédia livre, podemos ler:

*“A **Responsabilidade Social** pode ser vista como uma obrigação do Estado, que a executa através de políticas públicas financiadas pelos impostos, ou como uma obrigação do Indivíduo, como voluntário em Ongs, ou como doador que financia as actividades de entidades de solidariedade social. A primeira seria a visão típica da esquerda, a segunda, a visão típica da direita.”*

Como vê por esta definição, não exagero nem estou a ser pessimista, no meu entender.

Pergunta-me o que podemos fazer. Esse é o cerne da questão e o objectivo desta conversa de hoje. Respondo-lhe o seguinte:

Deixemos que o Estado faça o que lhe compete; estejamos atentos à forma como a governação define e gere as políticas e a coisa pública; julguemos nas urnas, com o voto, a forma como estamos a ser governados, mas não tomemos uma atitude passiva – de lamentações. Acima de tudo participemos activamente nas organizações, demos o nosso contributo na criação das condições que permitam modificar a actual situação; não percamos a esperança.

P. *Uma vez que entrámos no cerne e no objectivo do tema que nos propõe e, considerando que definiu, até agora, o "labirinto da vida" em que o homem vive, de acordo com o título que disse que daria à nossa conversa de hoje e, ainda, identificadas algumas das dificuldades para a vivência em comunidade, pergunto-lhe:*

- Porque são criados tantos obstáculos à criação de verdadeiras comunidades nas quais o homem se possa sentir realizado?

R. Em primeiro lugar há que perceber o que é uma comunidade.

“Uma comunidade pode ser entendida como um conjunto de seres vivos inter-relacionados que habita um mesmo lugar.”

Esta é uma definição genérica, mas a comunidade tem de ser lida sob vários ângulos: sob o ponto de vista político, religioso, sociológico, etc.

Assim, sob o ponto de vista da sociologia:

“Uma comunidade é um conjunto de pessoas com interesses mútuos que vivem no mesmo local e se organizam dentro de um conjunto de normas.”

É sobre este aspecto, que temos estado a falar. A organização da sociedade está cheia de ambiguidades – é o labirinto – que não permitem que o homem seja verdadeiramente livre e desfrute, de igual forma de todos os bens criados ou produzidos, até mesmo dos de primeira necessidade.

P. *E sob o ponto de vista da religião?*

R. Sob o ponto de vista religioso e da fé:

“Deus deu-nos a oportunidade de viver, em harmonia com toda a criação. E pela mesma razão devemos admirar todo o processo criativo de Deus.”

Neste contexto, o homem, vivendo em comunidade tem a oportunidade de desenvolver as suas capacidades intelectuais, físicas e outras, para além de exercitar os sentimentos de que foi dotado e o seu sentido de solidariedade.

Por isso é preciso saber viver em comunidade e é preciso que sejam criadas as condições para que o homem viva em comunidade.

É nesta forma, de saber viver em comunidade, que as Leis de Deus entram na vida do homem.

Por meio da sua entrega a Deus, é que o homem se torna necessário à vida comunitária, através da partilha de vida com os outros.

João Paulo II diz que o homem deve ser abordado:

“Na plena verdade da sua existência, ser pessoal e ser comunitário e social.”

Ora, o problema da vida em comunidade tem a ver com o paradigma da **Igualdade em Dignidade de Todas as Pessoas**. Aliás, este foi o lema da celebração do “Dia Cáritas” deste ano.

Por isso, a Doutrina Social da Igreja afirma, de acordo com a carta de S. Tiago:

“Somente o reconhecimento da dignidade humana pode tornar possível o crescimento comum e pessoal de todos.”

Para favorecer este crescimento torna-se necessário, em particular, apoiar os últimos, assegurar efectivamente condições de igual oportunidade entre homens e mulheres e garantir uma objectiva igualdade entre as diversas classes sociais perante a lei.

Também os Papas João XXIII na carta encíclica “*Pacem in Terris*” de 1963, Paulo VI no discurso proferido nas Nações Unidas em 1965 e João Paulo II no discurso proferido em 1995 por ocasião do 50º aniversário da Organização das Nações Unidas, disseram:

“Também nas relações entre povos e Estados, as condições de equidade e de paridade são o pressuposto para um autêntico progresso da comunidade internacional.”

Mas o que constatamos é que, apesar dos progressos feitos nesta direcção, não podemos ignorar que ainda existem muitas desigualdades e muitas formas de dependência.

P. *A Igreja católica é acusada, muitas vezes, de conservadora relativamente às leis do Estado e à organização da sociedade. Como comenta esta afirmação?*

R. De acordo com as minhas convicções e como cristão, responsável pela Cáritas a nível diocesano, estou em total sintonia com a Doutrina Social da Igreja. Como tal, um dos princípios que regem as relações entre a Igreja Católica e a Comunidade Política é a autonomia e a independência. Por isso é descabido fazer-se esse tipo de afirmação.

Repare: a Doutrina Social da Igreja afirma que:

“ A Igreja e a comunidade política, embora exprimindo-se ambas com estruturas organizativas visíveis, são de natureza diversa quer pela sua configuração quer pela finalidade que perseguem.”

A este propósito, também a constituição pastoral do Concílio Vaticano II “*Gaudium et Spes*”, refere solenemente o seguinte:

“No terreno que lhe é próprio, a comunidade política e a Igreja são independentes e autónomas.”

Creio que, com isto, respondo à sua pergunta.

P. *Significa que, quer o Estado, quer a Igreja, embora com finalidades diferentes, procuram o “BEM COMUM”?*

R. O **Bem Comum** depende, efectivamente, de um sã pluralismo social. As organizações e os estados são diferentes e as pessoas são diferentes entre si. Por isso, o pluralismo é um valor a partir do qual se devem constituir e organizar as sociedades.

O Catecismo da Igreja Católica refere a este propósito:

“Algumas sociedades, como a família, a comunidade civil e a comunidade religiosa são conformes com a natureza do homem, enquanto outras procedem da livre vontade, favorecendo a participação de um maior número de pessoas na vida social, fomentando a criação de associações e instituições de livre iniciativa, com finalidades económicas, culturais, sociais, desportivas, recreativas, profissionais e políticas, tanto no interior das comunidades políticas, como a nível mundial.”

Esta citação é clara sobre o posicionamento da Igreja – a não ingerência na definição das políticas que ao Estado compete, não deixando de exercer a missão que lhe é própria na sociedade, de acordo com a sua Doutrina Social, alertando para os perigos das medidas desviantes daquilo que é o plano de Deus para o homem.

P. *E, para terminar, quer deixar uma última mensagem?*

R. Para terminar gostaria de referir Santo Agostinho:

“Os homens estão sempre dispostos a coscuvilhar e a investigar sobre as vidas alheias, mas têm preguiça de se conhecerem a si mesmos e de corrigirem as suas próprias vidas.”

E, por último, deixar esta mensagem:

- Compete a cada um de nós ser portador de uma mensagem de esperança, colaborar no plano de Deus e na ordem social estabelecida, influenciando as políticas à luz da Palavra de Deus, com vista à melhoria das condições de vida de todos os homens.

Estamos a viver o tempo Pascal. Um tempo propício à celebração da Liberdade, a verdadeira Liberdade que Jesus Cristo veio trazer à humanidade inteira.

Com os olhos postos na Sua entrega a favor de todos os homens e na promessa de uma nova vida de partilha de responsabilidades e de igual oportunidade para todos, formulo para si, Francisco Salgado, para os trabalhadores da Rádio Portalegre e seus dirigentes, e a todos os que nos escutaram, votos Santas festas Pascais.

P. Agradeço as suas palavras, retribuo os votos se Santa Páscoa e agradeço aos nossos ouvintes a atenção que sempre dispensaram ao nosso programa.

Continuação de Boas Festas Pascais.

Portalegre, 11 de Abril de 2007

Elicídio Bilé